



Ser Sua *Testemunha*

07

ABRAÃO ENQUANTO
TESTEMUNHA
Liderando pelo exemplo.

24

A TESTEMUNHA
IMPROVÁVEL
A mulher samaritana.

36

MESMO ATÉ À MORTE
O testemunho do
apóstolo Paulo.



ESPECIAL SEMANA DE ORAÇÃO
PUBLICADORA SERVIR
SETEMBRO 2023
N. 916 | ANO 84 | €1,90

"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC

DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

 **Igreja Adventista
do Sétimo Dia**

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora ServVir, S. A.

setembro

D	S	T	Q	Q	S	S
27	28	29	30	31	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

3 ENCONTRO REGIONAL DE DIRETORES DE MORDOMIA | MADEIRA E AÇORES

10 DIA NACIONAL DE ORAÇÃO PELAS FAMÍLIAS

17 SAL

23 JORNADAS JA E DIA MUNDIAL DO DESBRAVADOR (PT)

23 UNITALKS EM CONJUNTO COM AS JORNADAS JA

24 DIA NACIONAL DO VOLUNTARIADO (ADRA E JA)

25 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

29/9-1/10 CONVENÇÃO DE EDUCAÇÃO (CE)

29/9-2/10 ENCONTRO 60+

30 JORNADA DA SAÚDE ADVENTISTA

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

4-8 UNIVERSIDADE ADVENTISTA DE FRIEDENSAU (EUD)

11-15 ASSOCIAÇÃO DO SUL DA FRANÇA (FBU)

18-22 ASSOCIAÇÃO DA TRANSILVÂNIA DO SUL (ROU)

25-29 ASSOCIAÇÃO DA ESLOVÁQUIA (CSU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[18] SEGUNDA-FEIRA

[25] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS **15:00** E AS **15:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **22:47**

[C] RTP2 ENTRE AS **17:00** E AS **17:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **06:00**

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

outubro

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31	1	2	3	4

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

1 ENCONTRO DE COMUNICAÇÃO E LIBERDADE RELIGIOSA

6-8 FORMAÇÃO DE MULHERES PARA A LIDERANÇA (NÍVEL 1)

13-15 CONVENÇÃO ASI

14 e 15 EFJA NÍVEL II – NORTE E CENTRO

22 FORMAÇÃO DE LÍDERES LOCAIS | INTERDEPARTAMENTAL (ZOOM)

22 ENCONTRO DE DIRETORES DE MORDOMIA | LISBOA E VALE DO TEJO

28 UNITALKS CENTRO | UNIVERSITÁRIOS ADVENTISTAS

29 SAL

30 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

2-6 CONSELHO ANUAL DA CONFÉRENCIA GERAL

9-13 ASSOCIAÇÃO BÁVARA (SGU)

16-20 SEMINÁRIO DE BOGENHOFEN (ATU)

23-27 HOPE MEDIA EUROPE – ALEMANHA (EUD)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[9] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[29] DOMINGO

Índice

04

**MENSAGEM DO PRESIDENTE
DA CONFERÊNCIA GERAL**

“E recebereis poder”

05

**MENSAGEM DO
TESOUREIRO DA DIVISÃO
INTER-EUROPEIA**

**Um verdadeiro espírito
de sacrifício**

07

PRIMEIRO SÁBADO

**Abraão enquanto
testemunha**

Liderando pelo exemplo.

12

DOMINGO

**Testemunhar em
tempos de
dificuldades pessoais**

Aprender com José.

16

SEGUNDA-FEIRA

**Testemunho
verdadeiro e falso**

A menina serva e Geazi.

20

TERÇA-FEIRA

**Testemunhando
na corte de reis**

Daniel como testemunha.

24

QUARTA-FEIRA

**A testemunha
improvável**

A mulher samaritana.

29

QUINTA-FEIRA

**Testemunhando
na morte**

*O impacto da
morte de Tabita.*

32

SEXTA-FEIRA

O testemunho de dois

*Áquila e Priscila,
o testemunho de obreiros
companheiros.*

36

SEGUNDO SÁBADO

Mesmo até à morte

*O testemunho
do apóstolo Paulo.*



A Revista Adventista Especial da Semana de Oração encontra-se disponível no site oficial da Revista Adventista, no link <https://iasd.pt/semanadeoracao2023>





“E receberéis poder”

Imagine comigo um pequeno grupo de discípulos reunidos em Jerusalém, esperando ansiosamente por ouvir as últimas palavras de Jesus antes da Sua ascensão. Apegando-se a cada palavra, eles escutaram enquanto Ele dava instruções específicas quanto ao que deveriam fazer depois de receberem o dom do Espírito Santo. Ele tornou claro que não fora um reino terrestre que Ele tinha vindo estabelecer, e que eles, como Seus seguidores, tinham um papel especial a desempenhar na preparação de pessoas para *outro* Reino – um reino celeste. Ele disse: “Mas receberéis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra” (Atos 1:8). Estes discípulos, que tinham sido instruídos pelo próprio Jesus, foram chamados a testemunhar d’Ele e a preparar as pessoas para aceitarem a mensagem da salvação.

Deus ainda está a instruir através da Sua Palavra e ainda está a chamar hoje. Ele deseja aqueles que veem a sua necessidade do Seu poder transformador; que se humilham e O buscam em oração; que, seguindo nos passos de Jesus, tratam com dignidade e respeito todas as pessoas; que estão dispostos a partilhar os alertas presentes nas men-

sagens dos três anjos de Apocalipse que são, por vezes, impopulares; e que se esvaziam para serem cheios com a graça e a liberdade do Espírito.

Nas páginas seguintes, lerá as histórias de personagens bíblicos que foram poderosas testemunhas de Cristo em várias situações: José, que testemunhou, apesar das suas lutas pessoais; a jovem serva, que testemunhou junto do seu senhor numa terra estranha; Daniel, que testemunhou junto de poderosos governantes terrestres; e outros, que partilharam o seu testemunho na sua esfera de influência.

É-nos dito: “As palavras de Cristo ditas imediatamente antes da Sua ascensão ao Céu significam muito para todos os que aceitam a verdade tal como ela é em Jesus. [...] Todos os seguidores de Cristo devem ser testemunhas d’Ele. Todos os que recebem o precioso tesouro da verdade devem partilhá-lo com outros” (Ellen G. White, *Review and Herald*, 9 de fevereiro de 1892).

Gostaria de ser uma testemunha de Jesus? Eu convido-o a usar alguns momentos desta Semana de Oração e a perguntar ao Senhor o que Ele quer que você faça para partilhar o Seu amor com outros enquanto Sua fiel testemunha.

Maranatha!



Um verdadeiro espírito de sacrifício

Há mais de 100 anos que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem levantado uma oferta especial no fim da Semana de Oração para apoiar as suas missões mundiais. Em 1922, foram as consequências da Grande Depressão que levaram à introdução de uma oferta especial durante a Semana de Oração. Graças à disposição dos cerca de 200 000 membros de Igreja para se sacrificarem nesse ano, foi possível evitar chamar de volta os missionários que estavam nos campos missionários. Embora a nossa Igreja tenha hoje cerca de 23 milhões de membros, o desafio missionário continua a ser imenso. Internacionalmente, os países do Próximo e do Médio Oriente, do Norte de África e do Extremo Oriente representam, em especial, um grande desafio. A situação também é complicada pelo facto de que, em muitos países, a atividade evangelística aberta é agora difícil ou, frequentemente, impossível. Portanto, devem ser encontrados outros meios para se alcançar as pessoas com o Evangelho e com as boas-novas do breve regresso de Jesus.

Tal como Michael Czechowski ou John Andrews e os seus filhos há cer-

ca de 160 anos, necessitamos hoje de pessoas que estejam dispostas a serem chamadas por Deus e a colocarem os seus talentos e as suas capacidades ao serviço de Deus e do povo. Enquanto Liderança de uma secção regional da Igreja, estamos no processo de estabelecer diretamente uma parceria com a Liderança da Igreja no Médio Oriente e no Norte de África para enviarmos missionários para essas áreas.

Se queremos que o compromisso missionário volte a ser forte no nosso país, somos convidados a vivê-lo nós mesmos. Também necessitamos de um despertar missionário nas nossas fileiras. A Semana de Oração é aqui de importância fundamental: sem oração não há reavivamento missionário. É importante que estejamos cientes da ligação existente entre a obra missionária em países distantes e o trabalho missionário no nosso país. Ellen G. White escreveu sobre isto o seguinte: “Mostrar um espírito liberal, abnegado, para com o êxito das missões estrangeiras é um meio seguro de fazer avançar a obra missionária na pátria; pois a prosperidade da obra nacional depende grandemente, abaixo de Deus, da in-

fluência reflexa da obra evangélica feita nos países afastados.” – *Obreiros Evangélicos*, p. 465.

Este é um princípio divino: Ao nos tornarmos numa bênção para outros (em países distantes), também nós somos abençoados. As bênçãos funcionam sempre em duas vias, digamos assim. No entanto, sem a vontade sincera de nos tornarmos numa bênção para outros, nós não receberemos a nossa bênção.

É interessante que imediatamente antes de Jesus falar, no Evangelho de Lucas, sobre os desafios e os problemas especiais que surgiriam antes do regresso do Filho do Homem, Lucas conta-nos que Jesus Se colocou do lado oposto à arca do tesouro do Templo e observou as pessoas a colocarem ali as suas ofertas. Ao assim fazer, Jesus vê como os ricos oferecem os seus dons. Mas Ele é realmente impressionado pelo ato de uma pobre viúva que oferece “duas pequenas moedas”. Deus não Se preocupa com a quantidade do dom ou da doação. É a atitude do coração

doador, a disposição para se sacrificar, que O impressiona. Ele diz: “Esta, da sua pobreza, deitou todo o sustento que tinha.”

Ellen G. White escreve sobre isto: “É o motivo que determina o caráter das nossas ações, marcando-as com ignomínia ou com elevado valor moral. Não são as grandes coisas que todos os olhos veem e todas as línguas louvam que Deus acha mais preciosas. Os pequenos deveres cumpridos com alegria, as pequeninas dádivas que não dão nas vistas, e que, aos olhos humanos, podem parecer destituídas de valor, ocupam muitas vezes diante de Deus o mais alto lugar. Um coração de fé e amor é mais precioso para Deus do que a oferta mais valiosa.” – *O Desejado de Todas as Nações*, p. 560, ed. P. SerVir (2017).

Neste espírito, eu agradeço-lhe pelo seu compromisso em tantas áreas, tendo em vista o bem das pessoas, e, em especial, agradeço-lhe também o seu apoio à missão mundial através da oferta da Semana de Oração deste ano.



BIOGRAFIA DA AUTORA

Sarah Gane Burton é uma académica independente e escritora *freelancer* de Berrien Springs, Michigan, EUA, onde vive com o seu marido e com dois filhos. Ela gosta de viajar, ler, escrever poesia e caminhar com a família. Os seus interesses incluem História e Cultura do Antigo Testamento, especialmente a vida quotidiana dos povos antigos e o modo como ela nos ajuda a compreender melhor as narrativas bíblicas. Sarah é apaixonada pelas histórias bíblicas e pelo poder que elas têm para comunicar princípios por meio de tempos e de Culturas. O seu grande desejo é viver esses princípios na sua vida – “praticar a justiça, amar a beneficência, e andar humildemente” com o seu Deus.

Abraão enquanto testemunha

Liderando pelo exemplo.



Ted N. C. Wilson
Presidente da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Imagem: Massimiliano Morosinotto

A fabulosa cidade de Ur, localizada no coração da antiga Mesopotâmia, junto das margens do poderoso rio Eufrates, era o centro de um Império rico que atraía comerciantes de todo o mundo então conhecido. Com o seu porto ativo junto do Golfo Pérsico, “Ur era uma metrópole movimentada com lojas, ruas estreitas cheias de carroças de gado e de caravanas de burros, bem como de artesãos que faziam tudo, desde bens em cabedal até ornamentos preciosos”.¹ Cabras e ovelhas pontuavam a paisagem que rodeava a cidade, onde fazendas exibiam pomares de Palmeiras e campos irrigados produziam cevada, lentilhas, cebolas e alhos. Dominando o horizonte da cidade estava um maciço Zigurate, um templo em pirâmide que honrava o deus Lua Sin. Erguendo-se 20 metros sobre uma base que media 41 metros de comprimento por 60 metros de largura, o Zigurate tinha três plataformas, cada uma delas com uma cor diferente, e um santuário de prata no topo.² Sabe-se que chegaram a ser praticados aí sacrifícios humanos.³

A cidade e o templo, construídos não muito tempo depois da rebelião da Torre de Babel, eram um centro de idolatria e paganismo. No entanto, da influência corruptora desta antiga cidade saiu uma das testemunhas mais fiéis de Deus: Abraão.

“A idolatria acenava-lhe de todos os lados, mas em vão”, escreveu Ellen G. White. “Fiel entre os infieis, não se deixando contaminar pela apostasia prevalecente, uniu-se firmemente ao culto do único Deus verdadeiro.”⁴ Como poderia isto ser assim, quando

o seu pai, Tera, servia “outros deuses”?⁵ É possível que Abraão, nascido cerca de 350 anos depois do Dilúvio,⁶ tenha aprendido sobre o verdadeiro Deus do Céu com o seu antepassado Eber, o bisneto de Sem, o filho de Noé. Enquanto a maior parte das gerações de avôs de Abrão já tinham desaparecido, Eber viveu até aos 464 anos, o que incluiu 100 anos depois do nascimento de Abrão.⁷ É possível que Eber tenha partilhado a verdade sobre Deus com o seu jovem descendente. Seja como for que ele tenha aprendido sobre Deus, nós sabemos que “pela fé, Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia” (Hebreus 11:8).

Deixando aquele que era, então, o lugar da Terra mais rico e mais civilizado, Abraão estava disposto a ser uma testemunha de Deus onde quer que fosse chamado a ir. Vejamos brevemente algumas das formas em que este grande patriarca foi uma testemunha.

Uma testemunha para a sua família

Depois de uma breve estadia em Haran, onde o seu pai morreu, “tomou Abrão Sarai, sua mulher, e Loth, filho do seu irmão, e toda a sua fazenda que haviam adquirido, e as almas que lhe cresceram em Haran; e saíram, para irem à terra de Canaan” (Gênesis 12:5). Erguendo a sua tenda perto de Siquém, Abrão construiu primeiro “um altar ao Senhor” (Gênesis 12:7). Quando ele voltou a mudar-se, “edificou ali um altar ao Senhor, e invocou o nome do Senhor” (Gênesis 12:8). Encorajando a adoração da família,

Abraão convidou todos os que estavam no seu acampamento para participarem nos sacrifícios matutinos e vespertinos. Quando ele se mudava para um novo lugar, o altar permanecia como testemunha silenciosa junto de todos os que por ali passavam.

Enquanto Abraão exercia “o máximo cuidado” para “excluir toda a forma de religião falsa”,⁸ era conhecido nas comunidades vizinhas como sendo um homem bondoso, cortês e justo, sendo respeitado por todos.

Uma testemunha junto da comunidade alargada

Abraão amava a paz. Quando surgiram disputas entre os seus pastores e os pastores de Loth, ele pediu: “Ora não haja contenda entre mim e ti, e entre os meus pastores e os teus pastores, porque irmãos somos” (Gênesis 13:8). Permitindo que Loth pudesse escolher primeiro onde se instalar, Abraão permitiu-lhe escolher o vale luxuriante e rico de Sidim, enquanto ele permaneceria nas regiões mais montanhosas.

Mais tarde, quando todos os habitantes do vale foram capturados pelo rei Chedorlaomer e pelos seus aliados, Abraão demonstrou que não tinha ressentimentos por causa da anterior ingratidão de Loth. “A sua grande afeição por ele foi despertada e decidiu que ele devia ser libertado. Procurando, antes de tudo, o conselho divino, Abraão preparou-se para a guerra.”⁹ A vitória foi rápida e completa, tendo todos os prisioneiros e todos os bens sido recuperados e Abraão atribuído o triunfo a Deus.

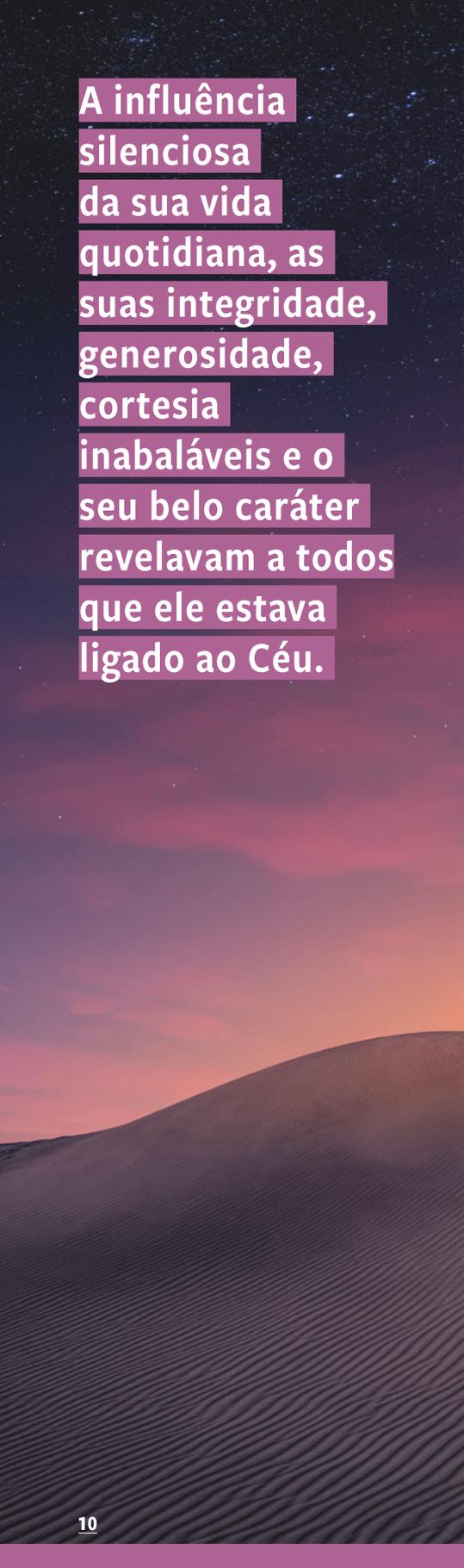
“O adorador de Jeová não só tinha prestado um grande serviço ao país,

Deixando aquele que era, então, o lugar da Terra mais rico e mais civilizado, Abraão estava disposto a ser uma testemunha de Deus onde quer que fosse chamado a ir.

mas tinha mostrado ser um homem de valor”, escreveu Ellen G. White. “Viu-se que a justiça não é covardia e que a religião de Abraão o tornava corajoso ao manter o que é correto e ao defender os oprimidos. O seu heroico ato fez com que a sua influência entre as tribos vizinhas aumentasse grandemente.”¹⁰

Abraão era um educador e, à medida que partilhava a sua fé, a sua casa familiar continuou a crescer, chegando a incluir mais de 1000 pessoas. “Aqueles que, através dos seus ensinamentos, eram levados a adorar o único Deus, encontravam um lar no seu acampamento. E ali, como numa escola, recebiam a instrução que os prepararia para serem representantes da verdadeira fé. Assim, repousava sobre ele grande responsabilidade. Estava a educar chefes de família e os seus métodos de governo seriam levados para casas dirigidas por eles.”¹¹

Respeitado por todas as nações vizinhas, “a sua fidelidade para com Deus era inabalável, enquanto a sua afabilidade e beneficência inspiravam confiança e amizade, e a sua grandeza sem afetação impunha respeito e honra”.¹²



A influência silenciosa da sua vida quotidiana, as suas integridade, generosidade, cortesia inabaláveis e o seu belo caráter revelavam a todos que ele estava ligado ao Céu.

Uma testemunha perante Deus e perante os seres não caídos

Abraão honrava Deus e Deus honrava-o, falando-lhe diretamente e revelando-lhe os Seus propósitos. No entanto, Abraão era humano e a Escritura regista, pelo menos, três ocasiões em que a sua fé fraquejou: (1) quando mentiu ao Faraó sobre a sua esposa Sara (Génesis 12:10-20); (2) quando tomou Agar como concubina para obter um herdeiro (Génesis 16:1-49); (3) quando mentiu ao rei Abimeleque sobre a sua esposa Sara (Génesis 20). Estes casos revelam o perigo de (1) irmos onde Deus não nos pediu para irmos; e (2) escutarmos aqueles que podem estar a tentar ajudar, mas que não estão alinhados com o que Deus já indicou.

Ellen G. White faz notar que “Deus tinha chamado Abraão para ser o pai dos fiéis e a sua vida devia ser um exemplo de fé para as gerações seguintes. Mas a sua fé não tinha sido perfeita. [...] Para que atingisse o mais alto padrão, Deus sujeitou-o a outra prova, a mais severa que homem algum tinha sido chamado a suportar”.¹³

Deus ordenou-lhe: “Toma, agora, o teu filho, o teu único filho, Isaac, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto, sobre uma das montanhas, que eu te direi” (Génesis 22:2).

Abraão sabia que os sacrifícios humanos eram ritos culturais que os pagãos praticavam, mas não o Deus do Céu! A ordem não fazia sentido. Por que razão Deus lhe pediu para sacrificar o filho da promessa?

Ainda assim, depois de se debater em oração, o idoso patriarca avançou pela fé.

“Abraão era humano. As suas paixões e afeições eram semelhantes às nossas, mas não parou para discutir como é que a promessa se poderia cumprir, no caso de Isaque ser morto. Não se deteve a argumentar com o seu coração dorido. Sabia que Deus é justo e reto em todas as Suas reivindicações e obedeceu à ordem, exatamente como fora dada.”¹⁴

Mal sabia ele que todo o Céu estava ansiosamente a aguardar para ver o que ele iria fazer. Mal sabiam Abraão e Isaque que aquilo que estavam a fazer seria uma lição sobre o Plano da Salvação para todo o Universo. Mal sabiam eles que seria nesse mesmo lugar para onde tinham sido chamados a ir que Deus “sacrificaria” o Seu Filho querido para a nossa salvação. “Tinha sido difícil, mesmo para os anjos, entender o mistério da redenção. [...] Quando foi dada a Abraão a ordem para oferecer o seu filho, isso assegurou o interesse de todos os seres celestiais. Com ânsia intensa, observaram cada passo no cumprimento daquela ordem. Quando, à pergunta de Isaque – ‘Onde está o cordeiro para o holocausto?’, Abraão respondeu: ‘Deus proverá para si o cordeiro’ (Gênesis 22:7 e 8), e quando a mão do pai foi detida no momento em que estava quase a matar o seu filho, e fora oferecido o cordeiro que Deus providenciara em lugar de Isaque, derramou-se então luz sobre o mistério da redenção, e mesmo os anjos compreenderam mais claramente a maravilhosa providência que Deus tomara para a salvação do Homem (I Pedro 1:12).”¹⁵

O nosso testemunho hoje

A vida de fé, de obediência e de serviço de Abraão fornece um importante exemplo de testemunho para nós hoje. A influência silenciosa da sua vida quotidiana, as suas integridade, generosidade, cortesia inabaláveis e o seu belo caráter revelavam a todos que ele estava ligado ao Céu. Ele foi capaz de ver para além do que é visível e perceber as realidades eternas. “Creu Abraão a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça” (Romanos 4:3).

1
Andrew Lawler, “City of Biblical Abraham Brimmed with Trade and Riches”, *National Geographic*, 11 de março de 2016. <https://on.natgeo.com/3isuYmQ>.

2
Ibidem.

3
John Noble Wilford, “At Ur, Ritual Deaths That Were Anything But Serene”, *New York Times*, 26 de outubro de 2009. <https://nyti.ms/3k1nKqm>.

4
Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2021, p. 113.

5
Ibidem.

6
Linha temporal baseada em Gênesis 5 e 11. Veja o mapa do *Seventh-day Bible Commentary*, Washington D.C.: Review and Herald, 1953, vol. 1, p. 185.

7
Ibidem.

8
Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 131, 2021.

9
Idem, p. 124.

10
Idem, pp. 124 e 125.

11
Idem, pp. 130 e 131.

12
Idem, p. 123.

13
Idem, p. 137.

14
Idem, p. 142.

15
Idem, p. 144.

Testemunhar em tempos de dificuldades pessoais

Aprender com José.

Jane Marczewski (“Nightbirde”) transmitia confiança e paz serenas ao se apresentar no palco e ao contar a sua história ao júri. Ela era uma cantora-compositora, tinha 30 anos, e o cancro com que se tinha debatido intermitentemente ao longo de anos tinha criado metástases. Enquanto ela cantava a sua canção original, o júri e a audiência enxugavam as lágrimas. Quando o júri expressou a sua admiração pelo espírito positivo dela, ela declarou simplesmente: “Não podes esperar até que a vida seja menos dura para decidires ser feliz.”¹

Jane partilhou abertamente a sua fé e a sua luta com o cancro no seu *blog*. “Mesmo nos dias em que não me sinto muito mal, por vezes deito-me no colchão sob a luz do entardecer para O escutar. Eu sei que parece loucura, e eu não o consigo explicar, mas Deus está ali – agora mesmo. Já ouvi dizer que algumas pessoas não conseguem ver Deus porque não O procuram suficientemente em baixo, e isso é verdade. Se não O consegues ver, procura mais abaixo. Deus está no piso da casa-de-banho.”²

Já alguma vez pensou que seria melhor esperar até que seja rico ou bem-sucedido antes de testemunhar sobre Deus junto de outros? É fácil para nós pensarmos que precisamos de ter tudo “certinho” antes de partilharmos o Evangelho com outros, mas várias histórias na Bíblia mostram-nos como é eficaz testemunhar no auge do caos e da luta da nossa vida diária, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. José é um exemplo destacado.

Sendo o filho mais velho da esposa favorita do seu pai, José fora privilegia-

É fácil para nós pensarmos que precisamos de ter tudo “certinho” antes de partilharmos o Evangelho com outros, mas várias histórias na Bíblia mostram-nos como é eficaz testemunhar no auge do caos e da luta da nossa vida diária, mesmo nas circunstâncias mais difíceis.

do e amado acima dos seus irmãos. Aos 17 anos ele tinha recebido uma bela túnica do seu pai e recebera sonhos proféticos que prediziam a sua supremacia sobre os seus irmãos e, mesmo, sobre o seu pai. Isso foi de mais para os seus irmãos. Quando estes tiveram a oportunidade de se vingar, apoderaram-se de José, tiraram-lhe a sua túnica ofensiva e lançaram-no numa cisterna vazia. Depois, venderam-no a uma caravana de mercadores que passava com destino ao Egito.

De escravo a servo confiável

José sobreviveu à viagem para o Egito e foi vendido pelos Ismaelitas/Midia-nitas a Putifar, um oficial do Faraó que era capitão da guarda. Mas “o Senhor estava com José, e foi varão próspero” (Génese 39:2).³ José pode ter sido for-

çado a deixar a sua família, mas trouxe a sua fé com ele. Ele não escondeu as suas crenças de Putifar e, embora Putifar não adorasse o Deus de José, ele viu e compreendeu que Deus estava com José e que a sua casa beneficiava das bênçãos de Deus derramadas sobre ele.

Isto levou Putifar a promover José para ser mordomo de toda a sua casa. Deus reconheceu este tratamento positivo de José por Putifar: “E aconteceu que, desde que o pusera sobre a sua casa, e sobre tudo o que tinha, o Senhor abençoou a casa do egípcio por amor de José, e a bênção do Senhor foi sobre tudo o que tinha, na casa e no campo” (Gênesis 39:5).

De prisioneiro a governante

Infelizmente, o sucesso de José não durou muito. A esposa de Putifar tentou seduzi-lo e, depois, acusou-o de um terrível crime. Embora estivesse inocente, José foi lançado na prisão. José poderia ter-se permitido desesperar. Quem o culparia por isso? Parecia não haver esperança de voltar a ser livre ou de voltar a ver a sua família. Ele poderia ter deixado as circunstâncias diminuírem a sua fé e a sua moralidade ou, pelo menos, a sua ética de trabalho. Em vez disso, ele continuou

O seu comportamento durante um tempo de trevas pessoais foi um testemunho para todos ao seu redor e um exemplo para nós hoje.

os seus hábitos de serviço fiel, e Deus abençoou-o, mesmo na prisão. “O Senhor, porém, estava com José, e estendeu sobre ele a sua benignidade, e deu-lhe graça aos olhos do carcereiro-mor. [...] E tudo o que ele fazia o Senhor prosperava” (Gênesis 39:21-23).

A interação de José com o copeiro-mor e com o padeiro-mor revela a sua simpatia e o seu respeito para com os seus companheiros de prisão. Ellen G. White escreveu que “esta foi a parte que ele desempenhou na prisão – integridade na sua vida diária e simpatia por aqueles que estavam perturbados e angustiados – o que abriu o caminho para a sua futura prosperidade e honra”.⁴

O seu comportamento durante um tempo de trevas pessoais foi um testemunho para todos ao seu redor e um exemplo para nós hoje. “Todo o raio de luz que fazemos brilhar sobre outrem reflete-se sobre nós mesmos. Cada palavra amável e cheia de simpatia dita aos tristes, cada ato realizado para aliviar os oprimidos e cada oferta feita aos necessitados, se forem realizados por um motivo correto, acabarão por ser uma bênção para o doador.”⁵

Passaram-se vários anos antes de José ser libertado da prisão e, mesmo depois de ter sido promovido a governador do Egito, passou algum tempo antes de ele se reunir com a sua família. Quando finalmente se revelou aos seus irmãos, ele declarou-lhes: “Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos pese aos vossos olhos por me haverdes vendido para cá; porque, para conservação da vida, Deus me enviou diante da vossa face” (Gênesis 45:5).

Ele não desistiu mesmo quando as circunstâncias pioraram. Em vez disso, ele usou cada oportunidade para viver a fé dos seus pais, trazendo luz para os cantos mais escuros da sociedade egípcia.

Quando foi inicialmente vendido como escravo, José não poderia saber que se tornaria governador do Egito ou que a sua liderança e a sabedoria dada por Deus garantiriam o bem-estar da sua família e de todo o Egito. Ele não podia ver como Deus usaria a terrível situação em que ele se encontrava. Mas José não esperou até ser mordomo da casa de Putifar ou governador do Egito para ser fiel a Deus ou para Lhe dar a glória pelo seu sucesso. De facto, foi *por causa* do seu testemunho que Putifar e Faraó reconheceram a verdadeira fonte do sucesso de José.

Ele não desistiu mesmo quando as circunstâncias pioraram. Em vez disso, ele usou cada oportunidade para viver a fé dos seus pais, trazendo luz para os cantos mais escuros da sociedade egípcia. Como escravo, José podia falar com outros membros da casa de Putifar e, possivelmente, com membros de outras propriedades. Na prisão, ele encontrou presos de várias origens. E, como governador, ele con-

viveu com líderes. Deus usou José para alcançar todos os estratos sociais.

Talvez se encontre “no piso da casa-de-banho”, como Jane, ou “na prisão”, como José. Pode interrogar-se como poderá ser uma testemunha durante um tempo de trevas e de dor pessoais. Contudo, mesmo quando se agarra a Deus na sua luta, a sua perseverança e a sua fé podem ser uma inspiração para outros.

1
Michael Foust, “AGT’s ‘Nightbirde’ Dies at 31: Her Legacy Is the ‘Strength She Found in Jesus’”, *Christian Headlines*, 22 de fevereiro de 2022. <https://www.christianheadlines.com/contributors/michael-foust/agts-nightbirde-dies-at-31-her-legacy-is-the-strength-she-found-in-jesus.html>.

2
Nightbirde, “God Is on the Bathroom Floor”, 9 de março de 2021. <https://www.nightbirde.co/blog/2021/9/27/god-is-on-the-bathroom-floor>.

3
As citações das Escrituras são da versão *João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida*.

4
Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, Sabugo: Publicadora ServVir, 2021, p. 207.

5
Ibidem.

Perguntas para reflexão

1. Como pode ser uma testemunha no lugar onde se encontra agora?
2. Pense numa altura em que alguém foi uma bênção para si. Como é que Deus usou essa pessoa para o abençoar?
3. O que pode impedi-lo de se comprometer a proclamar a graça de Deus na sua vida, sejam quais forem as circunstâncias?



Testemunho verdadeiro e falso

A menina serva e Geazi.

Imagem: Zeynep Sumer

Desde que a nossa filha teve idade suficiente para compreender a tarefa simples de apanhar os seus brinquedos, encorajámo-la a arrumar o seu quarto ou o espaço onde ela brinca. Nós ajudámo-la, claro, e, à medida que foi crescendo, ela aprendeu a fazer a sua cama e a arrumar as suas roupas.

Por vezes, nós recompensamo-la por nos ajudar noutras tarefas dentro de casa, como dobrar roupa ou outras tarefas que não se esperaria que ela realizasse. Um dia, ela dirigiu-se a nós, radiante e expectante, e pediu-nos que a recompensássemos por ter arrumado alguns dos seus brinquedos. Nós explicámos-lhe que estávamos contentes por ela ter realizado tão bem essa tarefa, mas que, de qualquer forma, arrumar os seus brinquedos era responsabilidade dela. A sua recompensa era um trabalho bem-feito.

Quando realiza o seu trabalho, espera receber uma recompensa? Provavelmente não, embora seja maravilhoso receber palavras de apreço. O que dizer então quando testemunha junto de outros? Espera receber uma recompensa de Deus? II Reis 5 conta-nos a história de dois tipos de testemunhas: aquelas que falam de Deus a outros sem esperar uma recompensa e aquelas que pensam merecer algo em pagamento pelos seus esforços.

O testemunho de uma criança

A narrativa começa com o testemunho de uma criança, uma menina levada do seu lar na terra de Israel para servir na casa de Naaman. Ela permaneceu anónima, mas as suas palavras colocaram em ação acontecimentos

que resultaram na conversão do comandante sírio.

É-nos dito que Naaman era um grande líder militar na Síria. Deus tinha-o usado para dar a vitória aos Sírios. Mas Naaman era leproso. Em vez de procurar vingar-se do comandante que a tinha capturado pessoalmente ou que tinha dirigido o ataque que levava à sua captura, a menina teve compaixão do homem doente. “E disse esta à sua senhora: Oxalá que o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria: ele o restauraria da sua lepra” (II Reis 5:3).¹

As nações de Israel e de Judá tinham, em grande parte, falhado em cumprir o propósito que Deus destinara aos descendentes de Abraão: “E em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Génesis 12:3). Em vez de exemplificar amor por Deus e pelo próximo, eles tinham adotado as práticas pagãs das nações circunvizinhas e oprimiam e exploravam o seu próprio povo. No entanto, havia alguns que persistiam em ser fiéis à sua fé. Eles continuavam a ser testemunhas

II Reis 5 conta-nos a história de dois tipos de testemunhas: aquelas que falam de Deus a outros sem esperar uma recompensa e aquelas que pensam merecer algo em pagamento pelos seus esforços.

junto dos seus compatriotas israelitas e, quando levados para o Exílio, trouxeram bênçãos aos lares e às cortes estrangeiras onde serviram.

Ellen G. White escreveu: “Os pais da menina hebreia, quando lhe ensinaram a conhecer Deus, não sabiam o destino que ela teria. Mas foram fiéis à sua responsabilidade, e, no lar do capitão do exército sírio, a sua filha testemunhou do Deus a Quem tinha aprendido a honrar.”²

Uma testemunha falsa

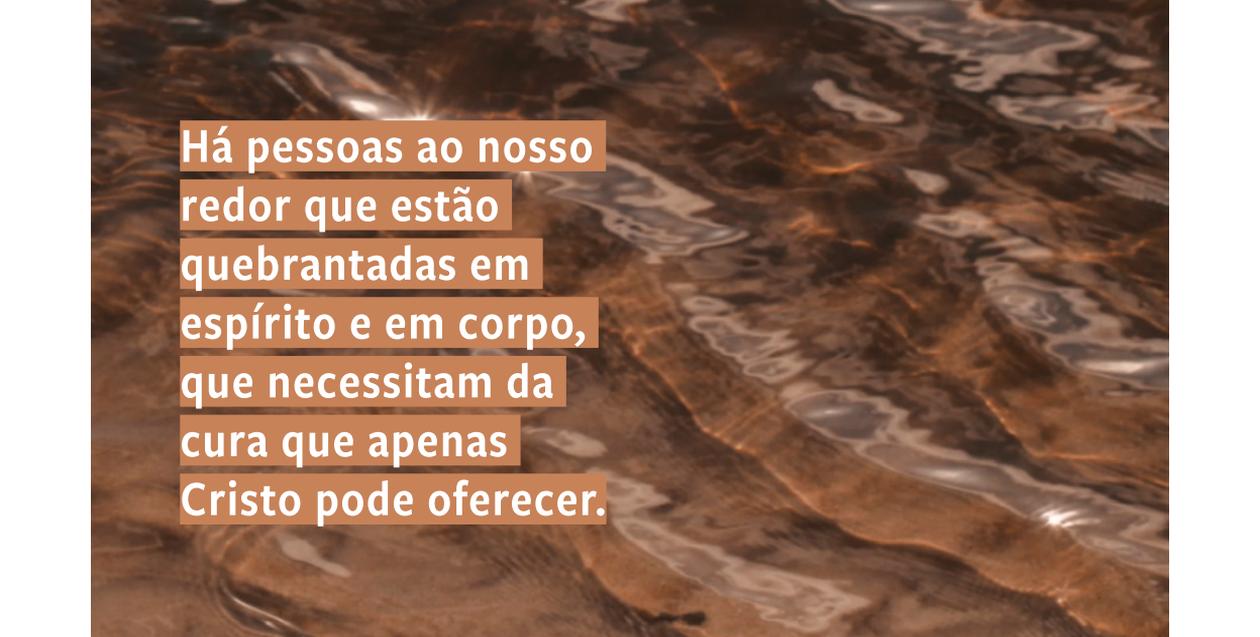
Naaman levou a sério as palavras da menina e viajou para Samaria em busca de cura. Ele foi até à casa de Eliseu, esperando testemunhar uma exibição miraculosa por parte do profeta, mas, em vez disso, foi enviado a banhar-se no rio Jordão. Apesar da sua ira inicial face à ordem de Eliseu, ele obedeceu e foi curado. Regressou então à casa de Eliseu já curado e, em gratidão, ofere-

“Os pais da menina hebreia, quando lhe ensinaram a conhecer Deus, não sabiam o destino que ela teria. Mas foram fiéis à sua responsabilidade, e, no lar do capitão do exército sírio, a sua filha testemunhou do Deus a Quem tinha aprendido a honrar.”

ceu presentes a Eliseu. O profeta recusou aceitá-los e enviou-o para casa.

Geazi, o servo de Eliseu, ficou indignado por o profeta não ter aceitado os presentes do comandante sírio: “Eis que o meu senhor impediu a este siro, Naaman, que da sua mão se desse alguma coisa do que trazia; porém, vive o Senhor que hei de correr atrás dele, e tomar dele alguma coisa” (II Reis 5:20). Por ganância, Geazi pensou que, se Eliseu não queria aceitar o que era seu de direito, então pelo menos ele receberia alguma recompensa. Naaman tinha recebido um testemunho de uma menina israelita, um verdadeiro testemunho baseado na fé em Deus e na empatia com um homem doente. Agora ele recebia um segundo testemunho, um testemunho falso de Geazi, que contou uma mentira para obter riqueza para si. Geazi disse-lhe que tinha sido enviado por Eliseu para aceitar alguns presentes – um talento de prata e duas vestes – para dois filhos dos profetas. Naaman estava desejoso de mostrar a sua gratidão e instou Geazi a aceitar o dobro da prata que ele lhe pedira.

Quando Geazi regressou, Eliseu interrogou-o e, mais uma vez, Geazi mentiu. Mas Eliseu sabia o que tinha acontecido: “Porventura não foi contigo o meu coração, quando aquele homem voltou de sobre o seu carro, a encontrar-te? Era isto ocasião para tomares prata, e para tomares vestidos, e olivais, e vinhas, e ovelhas, e bois, e servos, e servas?” (II Reis 5:26.) Um milagre realizado por Deus não era o momento para se aceitar presentes. Eliseu não era responsável pelo milagre –



Há pessoas ao nosso
redor que estão
quebrantadas em
espírito e em corpo,
que necessitam da
cura que apenas
Cristo pode oferecer.

Deus sim! Aceitar um presente enviaria uma mensagem errada acerca de Deus, que tinha curado Naaman movido pela Sua misericórdia. Em resultado deste pecado, Geazi ficou leproso.

Não sabemos o que aconteceu à menina israelita, mas as suas palavras de simpatia e verdade trouxeram cura e fé à família de Naaman. Em contraste com isto, Geazi desejou obter ganhos materiais, como se ele tivesse sido, de algum modo, responsável pelo milagre que Deus operara. O seu testemunho falso trouxe-lhe a mesma doença de que Naaman tinha sido curado.

É legítimo e necessário que os Pastores, os Obreiros Bíblicos e todos os que estão ao serviço da Igreja recebam um pagamento pelos seus esforços. Mas não devemos testemunhar sobre Aquele que pagou o preço máximo com a expectativa de se obter ganhos materiais. Há pessoas ao nosso redor que estão quebrantadas em espírito e em corpo, que necessitam da cura que apenas Cristo pode oferecer. O nosso

testemunho pode levar alguém a escolher seguir Cristo; talvez as nossas orações sejam respondidas com milagres, mas devemos sempre lembrar-nos de que a nossa recompensa por termos testemunhado sobre a misericórdia e o amor de Deus está no Céu. A glória e a honra são apenas d'Ele.

1

As citações das Escrituras são da versão João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida.

2

Ellen G. White, *Profetas e Reis*, Sabugo: Publicadora SerVir, p. 164.

Perguntas para reflexão

1. O que significa ser uma verdadeira testemunha?
2. A quem somos chamados a testemunhar?
3. Qual é a nossa recompensa por proclamarmos o amor de Deus?

Testemunhando na corte de reis

Daniel como testemunha.

Ao longo da História, os crentes fiéis têm sido conduzidos aos centros de influência política. Já aprendemos sobre José. Outros foram Daniel, Ester e Neemias. Todos estes foram levados para a corte como cativos ou como exilados e serviram em várias funções.

Daniel 1 descreve a captura de Jerusalém e a deportação de jovens, oriundos da família real ou de famílias nobres, que mostraram possuir sabedoria, conhecimento e compreensão. “E entre eles se achavam, dos filhos de Judá, Daniel, Hananias, Misael e Azarias” (Daniel 1:6).¹

Estes jovens distinguiram-se ainda mais ao recusarem profanar-se com a comida e com o vinho do rei. Deus abençoou-os com “conhecimento e inteligência em todas as letras, e sabedoria”, e a Daniel foi dado “entendimento em toda a visão e sonhos” (Daniel 1:17).

O testemunho público de Daniel

Desde cedo ficou claro que Daniel desempenharia um papel importante no governo de Babilônia. O seu chamado especial como profeta colocou-o numa posição privilegiada e perigosa.

O primeiro sonho de Nabucodonosor, registado em Daniel 2, é lisonjeiro para o rei, que é representado pela cabeça de ouro. Mas o seu segundo sonho foi uma condenação direta do seu orgulho e tornou claro que Deus era o verdadeiro governante do mundo.

Quando o rei o chamou para interpretar este sonho, Daniel ficou visivelmente perturbado. Imagine ter de dizer ao rei do maior Império no mundo então conhecido que, se ele

Imagine ter de dizer ao rei do maior Império no mundo então conhecido que, se ele não se aprumasse, Deus transformá-lo-ia num animal!

não se aprumasse, Deus transformá-lo-ia num animal! Daniel reconheceu, no entanto, que Deus tinha dado um aviso a Nabucodonosor e que era seu dever explicá-lo.

Depois de interpretar o sonho, Daniel ofereceu o seguinte conselho: “Desfaz os teus pecados pela justiça, e as tuas iniquidades, usando de misericórdia com os pobres, se se prolongar a tua tranquilidade” (Daniel 4:27). Este conselho não proveio dos seus anos de estudo da língua, da sabedoria e da literatura babilónica – proveio do seu conhecimento sobre o Deus do Universo. Infelizmente, Nabucodonosor não se humilhou e a profecia foi cumprida. A sua loucura chegou ao fim quando ele finalmente reconheceu Deus como Soberano.

O sábio conselho de Daniel não foi transmitido com sucesso ao sucessor de Nabucodonosor. Quando Belshazar chamou Daniel para interpretar a escrita na parede, o Império Babilónico estava prestes a extinguir-se (Daniel 5). Daniel tinha sido deferencial e, mesmo, simpático com Nabucodonosor, mas Belshazar desafiara abertamente Deus e ignorara os avisos dados a Nabucodonosor.

As palavras que Daniel lhe dirigiu foram cortantes: “E tu, seu filho Belshazar, não humilhaste o teu coração, ainda que soubeste tudo isto. E te levantaste contra o Senhor do céu” (Daniel 5:22 e 23). A cidade de Babilônia caiu naquela noite e com ela caiu também Belshazar. Tal como fora predito no sonho que Nabucodonosor teve sobre a poderosa estátua, outro reino ocupou o lugar de Babilônia: a Medo-Pérsia.

O testemunho privado de Daniel

O serviço de Daniel foi conservado na nova corte real de Dario, o Medo, na medida em que ele foi empossado como um dos três oficiais que controlavam os muitos sátrapas que governavam o reino. Ele é descrito como se tendo distinguido “destes príncipes e presidentes, porque nele havia um espírito excelente” (Daniel 6:3). De facto, quando os seus colegas tentaram encontrar algo de que se queixar no comportamento ou no serviço de Daniel, eles nada conseguiram encontrar, “porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum vício nem culpa” (Daniel 6:4). A única forma de o poderem acusar de má conduta seria conceber uma lei que, sabiam eles, Daniel não poderia cumprir: que não fosse feita qualquer petição, “pelo espaço de trinta dias”, “a qualquer deus ou a qualquer homem” exceto ao rei (Daniel 6:7). O castigo para a desobediência era ser lançado na cova dos leões.

Quando Daniel ouviu dizer que o rei tinha assinado a lei, regressou à sua casa. Já não era um jovem. Tinha conhecido governantes e oficiais cor-

rompidos pelo poder. Ele conhecia bem a crueldade dos Impérios e o destino daqueles que desobedeciam aos reis. Ele poderia ter dito: “Estou velho de mais para isto” e ter simplesmente fechado as suas janelas enquanto orava. Afinal, tratava-se de algo privado. Porém, Daniel era fiel ao Rei dos reis e a Lei que ele seguia era mais vinculativa do que qualquer outra coisa que um ser humano pudesse conceber.

Com as suas janelas abertas na direção de Jerusalém, Daniel ajoelhou-se e orou três vezes por dia. Ele pode ter visto os conspiradores observando-o, antecipadamente satisfeitos com o seu triunfo sobre o seu rival político. Apesar dos esforços do rei para salvar Daniel da pena do decreto, ele foi lançado na cova dos leões. A fidelidade de Daniel tinha já dado um testemunho poderoso na corte real. Mas a sua salvação da cova dos leões demonstrou, mesmo aos seus inimigos, que o Deus que ele servia era o Deus Altíssimo e que o seu sucesso e a sua sobrevivência eram o resultado da bênção e da intervenção de Deus.

Daniel serviu bem o rei; mas serviu Deus ainda melhor! Como Nabucodonosor, que tinha sido humilhado

Daniel era fiel ao Rei dos reis e a Lei que ele seguia era mais vinculativa do que qualquer outra coisa que um ser humano pudesse conceber.

pela revelação de Deus através de Daniel, Dario escreveu um decreto, após o resgate de Daniel, para que todos os povos temessem Deus, “porque ele é o Deus vivo e para sempre permanente, e o seu reino não se pode destruir; o seu domínio é até ao fim” (Daniel 6:26).

Carlos Elías Mora escreve que “Deus usou o cativeiro para trazer um poderoso testemunho para o centro das nações de Babilónia e da Medo-Pérsia. O falhanço do povo de Deus, que resultou no exílio de Daniel e dos seus amigos, não foi um obstáculo que impedisse o Senhor de realizar o Seu propósito: revelar o Seu carácter às nações.”²

Na sua vida pública e privada, Daniel testemunhou aos que se encontravam nos mais elevados níveis das cortes imperiais. Ele não foi corrompido pela ganância ou pelo desejo de poder. O seu sucesso político derivou da obra do Espírito Santo na sua vida e do serviço fiel que naturalmente se seguiu. Ele era um profeta para os descrentes e trouxe a Palavra de Deus precisamente ao Império que tinha conquistado e destruído a sua pátria, a sua cidade e o seu templo.

Daniel não diluiu as rígidas verdades que Deus revelou a Nabucodonosor e a Belshazar, nem tentou escapar à pena imposta por uma lei que ele não podia cumprir. Deu fielmente testemunho sobre uma Autoridade mais elevada e lembrou os governantes humanos de que no Céu reina um Rei que está acima de todos os reis e cuja Lei é justa, misericordiosa e cheia de amor.

Podemos não servir reis ou governar províncias, mas podemos servir fiel-

Podemos não servir reis ou governar províncias, mas podemos servir fielmente onde estivermos.

mente onde estivermos. Podemos dar testemunho do poder transformador de Deus e da revelação contida na Sua Palavra. Poderá haver momentos em que seremos chamados a testemunhar perante os poderosos sobre as leis superiores de Deus; muito provavelmente, o nosso testemunho ocorrerá mediante ações e atitudes comuns e quotidianas. Mas seja em público ou em privado, que sejamos encontrados fiéis!

1

As citações das Escrituras são da versão João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida.

2

Carlos Elías Mora, “Daniel and Friends: A Model for Witnessing”, *Journal of Adventist Mission Studies* 5/1 (2009): 97.

Perguntas para reflexão

1. Como pode ser uma testemunha no seu local de trabalho?
2. Como é que um Cristão deveria reagir a uma lei que vai contra a Palavra de Deus?
3. Acredita que é fiel no seu serviço desempenhado no trabalho, na família e para Deus? Há áreas para melhorias? Ore sobre essas áreas e peça a Deus para o ajudar a ser uma testemunha em cada aspeto da sua vida.

A mulher samaritana.

A testemunha improvável

O Homem tinha vindo a caminhar ao longo de muitos quilómetros com os Seus companheiros. O Sol estava alto e aproximava-se a hora da refeição do meio-dia. O pó cobria os Seus pés cansados e a brisa quente sugava a humidade do Seu corpo. Ele estava sedento. Sentou-Se junto de um poço no meio de um campo – o poço de Jacob – e aguardou. Os Seus amigos foram em busca de alimento na cidade samaritana de Sicar, mas Ele tinha um importante encontro.

Uma mulher veio ao poço para tirar água. Ela veio só, durante a parte mais quente do dia –, talvez porque o seu atual modo de vida não estivesse de acordo com os padrões da Comunidade.¹ Não era estranho que um homem ali se encontrasse – os poços eram espaços partilhados da Comunidade – e ela preparou-se para baixar o pote até ao poço. Foi então que o Homem falou: “Dá-me de beber.”

Interpretando a narrativa

A narrativa em João 4 rompe com muitas expectativas sociais e literárias. Primeiro, Jesus, um Judeu e Aquele que alguns criam ser o Messias, viajou até Samaria. O cenário é crucial, pelo que as palavras “Samaria” e “Samaritana” são mencionadas seis vezes em apenas seis versículos (João 4:4-9).

Depois do exílio de Israel, aqueles que permaneceram no país misturaram-se com os não-Israelitas que foram deportados para aquela região. Eles casaram entre si e a sua religião tornou-se sincretista. Rejeitaram todos os escritos proféticos e sapienciais, exceto os cinco livros de Moisés,

e adoravam no templo que tinham construído no Monte Gerizim.²

O conflito entre Judeus e Samaritanos aumentou quando os exilados judeus retornados se recusaram a permitir que os Samaritanos participassem na reconstrução do templo (Esdras 4:2 e 3). Séculos mais tarde, Samaritanos e Judeus continuavam a ser inimigos ferozes. Alguns Judeus viajavam por Samaria, quando era necessário, mas os Judeus mais estritos seguiam uma rota mais longa para evitar passar pela região.³

O segundo rompimento com a convenção social foi o facto de que Jesus encetou uma conversa com uma Samaritana – mas não uma Samaritana qualquer – tratava-se de uma mulher com uma mão cheia de maridos e com um amante atual.

Terceiro, a conversa de Jesus torna claro que a Sua interação não é um acidente – Ele antecipou, procurou mesmo, esta conversa com a dita mulher. E Ele revelou-lhe a Sua identidade como Messias!

A conversa começou com um simples pedido: “Dá-me de beber” (João 4:7).⁴ Que um Judeu estivesse a falar com ela seria o suficiente para chocar a mulher, mas este Homem também lhe estava a pedir algo. Ela respondeu com um rude espanto: “Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?” (João 4:9.) Jesus ignorou a sua referência às divisões étnicas e respondeu que deveria ser ela a pedir-Lhe de beber! A água que Ele oferecia como dom era doadora de vida. Ele afastou-a repetidamente das questões de identidade étnica e das

antigas feridas para a questão atual da sede da alma dela e da Sua capacidade para a satisfazer.

Logo que ela percebeu a sinceridade da Sua misteriosa oferta e Lhe pediu um pouco daquela água especial, Ele disse-lhe abruptamente: “Chama o teu marido!” A resposta dela foi simples: ela não tinha marido. Esta era uma declaração honesta – ela estava a viver maritalmente com alguém que não era seu marido e Jesus revelou-lhe que sabia disso e que conhecia a sua história marital.

Surpreendida pelo Seu conhecimento da Sua vida pessoal, a mulher reconheceu que Jesus deveria ser um profeta, mas desviou a conversa do tópico da sua vida privada para o tópico da rivalidade entre Samaritanos e Judeus. Jesus usou esta oportunidade para declarar que tinha chegado uma nova era: agora todos os verdadeiros adoradores, fossem Judeus ou Samaritanos, “adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem” (João 4:23).

Desde o início da conversa, Jesus tinha perturbado a mundividência dela, que estava centrada nos conflitos étnicos e religiosos existentes entre Judeus e Samaritanos. Ela tinha-se identificado como oponente dos Judeus e, portanto, também como oponente deste homem judeu sentado junto do poço, mas Ele tinha desfeito essa narrativa ao empenhar-Se numa conversa com ela e ao tratá-la com respeito. Ela tinha tomado Jacob e os seus ancestrais como fundamentos para o seu modo de vida, para as suas crenças religiosas e para o seu lugar de

culto. Agora Jesus também reinterpreto e realinhou estes fundamentos.

Finalmente, a mulher fez avançar a conversa para uma coisa em que, sabia ela, os Judeus e os Samaritanos estavam de acordo: “Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo” (João 4:25). A resposta d’Ele à declaração de fé e de esperança dela foi simples e surpreendente: “Eu o sou, eu, que falo contigo” (João 4:26).

Semeando e colhendo

Os discípulos regressaram no momento de espantado silêncio que, imagino eu, se seguiu a esta revelação. Já não estando preocupada com a água que saciaria apenas temporariamente a sua sede, a Samaritana correu em direção à cidade e descreveu o seu encontro com o homem judeu que pretendia ser o Messias. A esperança soava nas suas palavras: “Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito; porventura não é este o Cristo?” (João 4:29.)

De volta ao poço, Jesus reagiu às preocupações dos discípulos. Eles tinham ficado surpreendidos por O encontrarem a falar com uma mulher,

A Samaritana...

“demonstrou ser uma missionária mais eficiente do que os próprios discípulos. Estes não viram nada em Samaria que indicasse haver ali um campo promissor.”

mas nada tinham dito. Agora incentivaram-n’O a comer, mas Ele recusou, referindo-Se a um alimento que eles não conheciam. Vendo a sua confusão, tanto sobre a mulher, como sobre o alimento, Ele declarou a Sua missão: “A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra” (João 4:34).

Depois, Ele atribui-lhes a sua missão: “Eis que eu vos digo: Levantai os vossos olhos, e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa. E o que ceifa recebe galardão, e ajunta fruto para a vida eterna; para que, assim, o que semeia, como o que ceifa, ambos se regozijem. [...] Eu vos enviei a ceifar onde vós não trabalhastes; outros trabalharam e vós entrastes no seu trabalho” (João 4:35-38).

Enquanto Jesus falava, vieram pessoas da cidade até ao poço, despertadas pelas palavras da mulher. Ela não tinha formação teológica profissional e a sua compreensão da religião tinha sido, até há momentos, guiada pelas tradições do seu povo. Mas o seu encontro com Jesus tornou o seu testemunho suficientemente eficaz para atrair o interesse de toda uma cidade. A ilustração do semeador e do ceifeiro apresentada por Jesus desenrolou-se diante dos olhos dos discípulos.

Os discípulos não esperariam que Sicar fosse uma cidade que merecesse o emprego do seu tempo, exceto para a aquisição de alimento. Nem antecipariam que uma só mulher fosse uma missionária tão eficaz. Ellen G. White escreveu: “Assim que encontrou o Salvador, a Samaritana levou outros até Ele. Demonstrou ser uma missionária

O Evangelho pode ser pregado em qualquer parte, em qualquer momento, a qualquer pessoa que esteja disposta a ouvir.

mais eficiente do que os próprios discípulos. Estes não viram nada em Samaria que indicasse haver ali um campo promissor. Tinham os olhos fixos numa grande obra a ser feita futuramente. Não viram que exatamente em torno deles havia uma colheita a fazer. Por meio da mulher, que desprezavam, toda uma cidade foi levada a ouvir o Salvador. Ela transmitiu imediatamente a luz aos seus concidadãos.”⁵

Os Samaritanos convidaram Jesus a ficar na sua cidade e Ele e os discípulos ficaram em Sicar durante dois dias. Segundo João 4:39, muitos dos cidadãos creram em Jesus baseados no testemunho da mulher, mas, depois da Sua visita, muitos outros creram também. “E diziam à mulher: já não é pelo teu dito que nós cremos; porque nós mesmos o temos ouvido, e sabemos que este é, verdadeiramente, o Cristo, o Salvador do mundo” (João 4:42). Jesus não podia declarar abertamente a Sua identidade como Messias entre os Judeus, mas os Samaritanos estavam preparados para reconhecerem a Sua divindade.

Água para os sedentos

A história de Jesus e da Samaritana apresenta-nos várias lições importantes.

Primeira, o Evangelho pode ser pregado em qualquer parte, em qual-

Nunca devemos supor quem está ou não está preparado para receber o Evangelho.

quer momento, a qualquer pessoa que esteja disposta a ouvir. Jesus não esperou que uma grande audiência viesse a uma reunião bem promovida. Ele começou uma conversa com uma mulher pecadora empenhada na tarefa mundana de ir buscar água. E quando a Samaritana partilhou o seu encontro com os habitantes da cidade, ela não esperou pelo “momento perfeito”. Falou imediatamente a quem quer que estivesse disposto a ouvir. A mensagem que ela tinha recebido era importante de mais para um compasso de espera.

Segundo, nunca devemos supor quem está ou não está preparado para receber o Evangelho. Nem podemos pretender que alguém é indigno de receber o Evangelho. Tal como Jesus explicou nas Suas muitas parábolas sobre semear e ceifar, a semente do Evangelho é lançada em bom e em mau solo. Podem crescer ervas daninhas juntamente com o trigo, mas Deus irá separar os justos dos injustos. A nossa tarefa é simplesmente semear e colher. Deus tomará conta do resto.

No começo da Sua conversa com a Samaritana, Jesus descreveu a água que lhe oferecia como “uma fonte de água que salte para a vida eterna” (João 4:14). Quando ela aceitou Cristo como Messias, a própria mulher tornou-se numa fonte cheia de água viva.

“Aquele que bebe da água viva faz-se fonte de vida. O que recebe torna-se doador. A graça de Cristo na alma é como uma nascente no deserto, fluindo para refrigério de todos, e tornando os que estão prestes a perecer ansiosos por beber da água da vida.”⁶ Aceitemos o dom da água viva que Jesus nos oferece. E partilhemo-lo com todas as pessoas que encontrarmos. Cada conversa é uma oportunidade para partilhar aquela água. Não podemos reter este dom dos que estão tão sedentos.

1
Victor H. Matthews, “Conversation and Identity: Jesus and the Samaritan Woman”, *Biblical Theology Bulletin* 40/4 (2010): 219 e 220.

2
Gary M. Burge, *NIV Application Commentary: John*, Grand Rapids: Zondervan, 2000, pp. 140 e 141.

3
Andreas J. Kostenberger, *John*, in *Zondervan Illustrated Bible Background Commentary: John, Acts, Grand Rapids*: Zondervan, 2002, vol. 2, p. 42.

4
As citações das Escrituras são da versão João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida.

5
Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2017, p. 163.

6
Ibidem.

Perguntas para reflexão

1. A que ideias está a agarrar-se que Deus pode estar a tentar perturbar ou transformar?
2. As diferenças políticas ou étnicas têm impacto sobre a sua escolha das pessoas com quem conversa?
3. Já bebeu hoje da Água Viva?

Testemunhando na morte

O impacto da morte de Tabita.

Imagem: Nicholas Nikolic

A nossa família despediu-se recentemente de um avô, pai e marido amado. Sentámo-nos ao redor da sua cama chorando, orando e cantando canções de esperança. Vimos o seu peito subir e descer e contámos as suas inalações. Chorámos e rimos ao nos recordarmos da sua bondade, paciência e gene-

rosidade. Ele passou uma vida a servir Deus e sabemos que será ressuscitado num corpo incorruptível, mas a dor da despedida nesta vida foi, ainda assim, muito dolorosa. À medida que a nossa vigília se estendia por horas e dias, reconhecemos que não fomos criados para nos despedirmos ou para vermos

a vida fugir de um ente querido. Fomos criados para a vida eterna.

A nossa família reuniu-se e reuniu-se também a nossa Comunidade. As dádivas de alimentos e de mensagens de conforto e de esperança são um testemunho sobre o ministério dos meus avós, que serviram, trabalharam e amaram tanto. Atos 9 conta-nos a história de uma discípula que foi também amada assim: Tabita (ou Dorcas).

Uma mulher de boas obras

Não sabemos muito sobre Tabita: que idade tinha, se era ou não casada ou se tinha filhos. O que sabemos é que ela era uma discípula e estava “cheia de boas obras e esmolas que fazia” (Atos 9:36),¹ algumas das quais incluíam fazer roupas para as viúvas (Atos 9:37, 39). Isto satisfazia uma necessidade imediata das mulheres em Jope e parece indicar que Tabita era uma mulher com alguns recursos, talvez dona de um negócio de produção de roupas.² Ela tinha certamente a habilidade e os meios para fazer diferentes roupas. A sua designação como “discípula” também sugere que ela era uma líder da comunidade dos crentes daquele lugar.

A doença e a subsequente morte de Tabita foram um terrível golpe para os seguidores de Cristo em Jope. Enquanto o meu avô morreu no fim de uma vida longa e preenchida, Tabita morreu prematuramente. O seu corpo foi lavado e colocado num quarto alto, onde as viúvas se reuniram para chorarem. As próprias roupas que vestiam eram testemunhas do amor e do cuidado dela em favor delas e da Comunidade.

Não muito longe, na cidade de Lida, Pedro curara um homem paralisado e essa notícia tinha-se espalhado por toda a região. Os discípulos em Jope enviaram mensageiros a Pedro, implorando-lhe que viesse imediatamente a Jope, claramente na esperança de um milagre. Ao chegar, Pedro encontrou os discípulos num estado de luto profundo. As viúvas que se tinham juntado para prantejar mostraram-lhe as roupas que Tabita tinha feito para elas. Não há dúvida de que Pedro ficou comovido com os seus testemunhos sobre a vida de serviço de Tabita. Ele mandou sair toda a gente do quarto e, depois, orou pela sua ressurreição. Com fé, ele virou-se para a mulher morta e disse: “Tabita, levanta-te.”

Deus voltou a introduzir o fôlego da vida no corpo dela e ela tomou a mão de Pedro e levantou-se. Imagine a alegria e a satisfação quando ele a apresentou, viva, aos crentes! Em resultado da sua ressurreição, muitos em Jope creram no Senhor. A morte de Tabita, que foi algo terrível e triste, foi transformada num triunfo pela sua ressurreição. Que testemunho a proclamação de que ela tinha morrido e tinha sido trazida de volta à vida!

Morte e atraso

Contudo, o que dizer dos que morrem e permanecem mortos? Não têm existido incontáveis homens, mulheres e crianças que serviram fielmente Deus e, no entanto, morreram no auge da sua vida? A guerra entre Deus e Satanás tem resultado em muitas baixas, tenha a morte vindo cedo na vida ou no fim de muitos anos. Esta é a natureza da guerra. A morte e a ressurrei-

A morte de uma testemunha pode ser o fim de uma vida, mas não é o fim da testemunha!

ção de Jesus Cristo dão-nos esperança de termos vida para além do túmulo, quando aqueles que morreram em Cristo forem ressuscitados para viverem com Ele (Romanos 6:8). Mas não estamos imunes à doença e à morte – o nosso corpo ainda é mortal.

Como suportar a realidade contínua da morte? Eu encontrei grande conforto no reconhecimento de que a morte de um crente fiel é, ela mesma, uma espécie de testemunho. No fim da sua vida, o meu avô não conseguia examinar um paciente, dar estudos bíblicos, pregar sermões ou, mesmo, orar em voz alta. O seu testemunho não estava no que ele podia ou não podia fazer, mas em quem ele era: um homem que era amigo de Deus!

No seu leito de morte ele foi rodeado por aqueles que acalentavam as memórias da sua bondade e fidelidade, tal como as viúvas rodearam Tabita. Mesmo enquanto ele jazia prestes a morrer, recebemos incontáveis mensagens dando glória a Deus pelo amor que ele tinha demonstrado a tantas pessoas. O pessoal médico foi tocado pela devoção da família e dos amigos que se apressaram a rodear a sua cama para cuidar dele ou para cantar hinos e ler passagens bíblicas. Ele tinha-nos mostrado como amar e como reconfortar, pelo que, durante os seus últi-

mos dias, nós cuidámos dele como ele tinha cuidado de tantos de nós.

A morte de uma testemunha pode ser o fim de uma vida, mas não é o fim da testemunha! Quer a ressurreição ocorra logo após a morte, como aconteceu com Tabita, ou seja adiada para a Segunda Vinda, aqueles que permanecem vivos podem continuar a obra de proclamar a mensagem divina de verdade, esperança e amor. Vamos sustentar e dar continuidade ao legado daqueles que usaram os seus talentos e os seus recursos para abençoarem as Comunidades ao seu redor. E que possamos dar glória Àquele que nos sustém, que Se senta junto de nós para partilhar do nosso desgosto e que, um dia, irá enxugar todas as lágrimas dos nossos olhos.

1

As citações da Escritura são da versão João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida.

2

Teresa J. Calpino, *Women, Work and Leadership in Acts*, Tubingen: Mohr Siebeck, 2014, p. 141.

Perguntas para reflexão

1. Como pode usar os seus talentos e os seus recursos para beneficiar a sua Comunidade?
2. Se morresse hoje, qual seria o seu legado?
3. De que forma pode a morte de um crente ser um testemunho?
4. Que esperança podemos reclamar após a morte de um ente querido?



O testemunho de dois

*Áquila e Priscila,
o testemunho de obreiros
companheiros.*

Todo o movimento necessita de líderes e alguns dos líderes mais eficazes são casais. James e Ellen G. White casaram em 30 de agosto de 1846 e, juntos, tornaram-se dois dos mais influentes líderes no movimento que se transformou na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Eles pregaram, ensinaram, corrigiram e aconselharam pessoas por toda a América do Norte. A obra de Publicações que James iniciou foi uma força motriz na globalização da mensagem Adventista, e os escritos de Ellen trouxeram visão e orientação profética para os membros e para as igrejas ao redor do mundo.

Podemos chamá-los o supremo “casal enérgico” Adventista – dois indivíduos muitíssimo influentes que se complementavam e se fortaleciam mutuamente. A Igreja Primitiva também tinha um casal enérgico – Áquila e Priscila –, que, tal como James e Ellen, fortaleceram a Igreja por onde quer que fossem.

O casal enérgico da Igreja Primitiva

Encontramos Áquila e Priscila pela primeira vez em Atos 18, na sequência da viagem de Paulo de Atenas para Corinto. Corinto era um importante centro cultural, político e económico, e, tendo dois portos que resultavam num constante influxo de viajantes, era uma localização excelente para a partilha do Evangelho.

Áquila e Priscila eram imigrantes recentes em Corinto. Eles, como todos os outros Judeus, tinham sido forçados a deixar Roma por causa de um édito do Imperador Cláudio, provavelmente em resultado de conflitos sobre a pregação acerca de Jesus Cristo.¹ Parece

que o casal já era cristão antes de Paulo ter chegado e eles acolheram-no no seu lar e no seu negócio.

Tanto Áquila como Priscila eram fabricantes de tendas, e o trio – contando com Paulo – trabalhava junto no seu ofício, provavelmente numa oficina situada no rés-do-chão da sua residência.² Eles, muito possivelmente, usavam esse espaço para falar com os clientes sobre o Evangelho e, talvez, pequenos grupos de crentes se reuniam ali.

Silas e Timóteo juntaram-se a Paulo em Corinto e, depois de conflitos com os Judeus, a obra missionária expandiu-se para os Gentios. Priscila e Áquila estavam, provavelmente, ativos neste ministério. Mais tarde, Paulo viajou com eles para Éfeso e deixou-os ali para evangelizar e para formar uma comunidade de crentes (Atos 18:18 e 19). Desta maneira, eles operavam à semelhança de Barnabé, Silas e Timóteo, na medida em que trabalhavam como Paulo enquanto “parceiros missionários”.³

Em Éfeso, o casal trabalhou com os crentes e acabou por estabelecer uma igreja no seu lar (I Coríntios 16:19). Eles frequentavam a sinagoga e ouviram Apolo, um Judeu de Alexandria, falar acerca de Jesus (Atos 18:24-26). Priscila e Áquila tinham uma compreensão mais precisa e minuciosa do Evangelho do que Apolo, possivelmente porque eram Cristãos há mais tempo ou porque a sua compreensão teológica tinha sido alargada e fortalecida pelo tempo que passaram com Paulo. Eles reconheceram os talentos com que Deus tinha abençoado Apolo, pelo que, em vez de o corrigirem publicamente, toma-

ram-no à parte e “lhes declararam mais pontualmente o Caminho de Deus” (Atos 18:26).⁴ A sua hospitalidade, o seu tato e a sua instrução teológica foram bem recebidos e Apolo dirigiu-se para a Acaia, para a região que Áquila e Priscila tinham deixado, para continuar o seu ministério.

Numa dada altura, o casal mudou-se de novo para Roma e Paulo envia-lhes saudações em Romanos 16:3 e 4, louvando-os como “meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais, pela minha vida, expuseram as suas cabeças; o que não só eu lhes agradeço, mas, também, todas as igrejas dos gentios”. Ele também envia saudações para a Igreja em casa deles, demonstrando assim que eles continuavam a prática de operar uma igreja doméstica por onde quer que fossem (Romanos 16:5).

Esta breve, mas poderosa, saudação sugere que o casal judeu não tinha apenas focado a sua atenção em ministrar aos Judeus, mas também tinha ajudado Paulo na evangelização dos Gentios, a tal ponto que “todas as igrejas dos gentios” lhes agradeciam.

A última referência a Priscila e Áquila pode ser encontrada em II Timóteo 4:19, onde Paulo pede a Timóteo para saudar o casal. Eles tinham-se mudado novamente para Éfeso, onde provavelmente trabalhavam com Timóteo no fortalecimento e no crescimento da Igreja.⁵ Este casal migrante, equipado com as ferramentas do seu ofício e com o amor pelo Evangelho, abriu o seu lar em três cidades diferentes para acolher Paulo e outros crentes e fez avançar o Evangelho por onde

quer que fosse. Eles não eram ministros pagos; em vez disso, trabalhavam no seu ofício e usavam os recursos, o tempo e o conhecimento que tinham para educar e evangelizar as pessoas que compunham as Comunidades em que viviam.

O testemunho do lar

Vivemos numa era de globalização; hoje é infinitamente mais fácil viajar do que no tempo das longas viagens encetadas por Paulo, Priscila e Áquila. Podemos comunicar rapidamente via mensagens de texto, *emails* ou chamadas telefónicas. No entanto, apesar de toda a nossa conectividade, muitos de nós anseiam pela ligação relacional evidente na Igreja cristã Primitiva. O poder do testemunho de Áquila e de Priscila residia não apenas no seu conhecimento teológico ou no seu equilíbrio entre o trabalho e o ministério, mas nas relações que forjaram com Paulo, Apolo e outros crentes. O seu lar proveu Paulo com uma acomodação e com um meio para se sustentar enquanto levava a efeito o seu ministério. Esse mesmo lar foi o cenário

Um marido e uma mulher, trabalhando juntos para partilharem o Evangelho e para abrirem o seu lar aos que estavam sedentos por relacionamentos, oferece ao mundo um vislumbre da imagem de Deus.

para oferecer mais formação teológica a Apolo. E o seu lar, em todos os lugares em que viveram, tornou-se numa igreja doméstica, num lugar de adoração e de refúgio para os crentes.

Um marido e uma mulher, trabalhando juntos para partilharem o Evangelho e para abrirem o seu lar aos que estavam sedentos por relacionamentos, oferece ao mundo um vislumbre da imagem de Deus. Num mundo de relacionamentos quebrados e lares destroçados, o refúgio de uma família cristã saudável oferece cura espiritual e emocional.

É importante notar que o ministério em equipa não está limitado a casais casados. Deus pode usar qualquer tipo de parcerias, sejam elas equipas de amigos – como as de Paulo, Silas e Timóteo (Atos 18:5) – ou equipas com outros familiares. Cada uma delas oferece benefícios únicos para fazer avançar o Evangelho.

Ellen G. White escreveu: “O trabalho para que somos chamados não requer riqueza, nem posição social, nem grandes capacidades. Requer um espírito bondoso e abnegado, e firmeza de propósito. [...] A nossa esfera de influência poderá parecer limitada, as nossas capacidades diminutas, escassas as nossas oportunidades, os nossos recursos reduzidos; no entanto, se soubermos aproveitar fielmente as oportunidades proporcionadas pelos nossos lares, maravilhosas serão as nossas possibilidades. Se abrirmos o nosso coração e o nosso lar aos divinos princípios de vida, tornar-nos-emos canais por onde passarão correntes de poder vivificante. Dos nossos lares fluirão rios de restauração, que produ-

zirão vida, beleza e fecundidade, onde agora há desolação e morte.”⁶

Não temos de ser ministros pagãos para sermos testemunhas eficazes. Não temos de ser ricos. Devemos apenas estar dispostos a fazer o trabalho de Deus, seguir o Seu chamado por onde quer que Ele nos conduza e unir-nos com outros crentes para proclamarmos o Evangelho ao mundo.

1
David W. Pao, “Acts”, in *The Baker Illustrated Bible Commentary*, ed. Gary M. Burge e Andrew E. Hill, Grand Rapids: Baker, 2012, p. 1201.

2
Marie Noel Keller, *Priscilla and Aquila: Paul's Coworkers in Christ Jesus*, Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 2010, pp. 17-20.

3
Idem, p. 23.

4
As citações das Escrituras são retiradas da versão de João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida.

5
Nguyen van Thanh, “Migrants as Missionaries: The Case of Priscilla and Aquila”, *Mission Studies* 30 (2013): 204.

6
Ellen G. White, *O Lar Cristão*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2019, p. 29.

Perguntas para reflexão

1. Como é que pode prover hospitalidade no seu lar ou em parceria com outros crentes?
2. De que modo se pode equipar intelectualmente para ensinar a outros “o caminho de Deus”?
3. Se é casado, como pode trabalhar juntamente com o seu cônjuge na partilha do Evangelho? Como é que o vosso casamento pode ser um testemunho?



—
Ellen G. White
Mensageira do Senhor

Imagem: Ehtan Hoover

Mesmo até à morte

O testemunho do apóstolo Paulo.

Durante o julgamento final de Paulo perante Nero, este Imperador ficou tão profundamente impressionado com a força das palavras do apóstolo que protelou a decisão do caso, não absolvendo nem condenando o acusado servo de Deus. Mas, pouco tempo depois, a maldade do Imperador contra Paulo voltou. Enraivecido pela sua incapacidade em impedir a propagação da religião cristã, mesmo na casa imperial, decidiu que, logo que encontrasse um pretexto plausível, o apóstolo seria morto. Não muito depois, Nero pronunciou a decisão que condenava Paulo à morte de mártir. Se bem que um cidadão romano não pudesse ser submetido à tortura, ele foi condenado a ser decapitado.

Paulo foi levado para o lugar da execução, de forma discreta. Poucos foram os espectadores que puderam estar presentes, porque os seus perseguidores, alarmados com a extensão da sua influência, receavam que alguém fosse ganho para o Cristianismo com as cenas da sua morte. Mas até os empedernidos soldados que o acompanhavam ouviram as suas palavras, e com espanto viram-no corajoso

A sua capacidade não estava em si mesmo, mas na presença e na operação do divino Espírito que enchia a sua vida, e levava cativo todo o entendimento à vontade de Cristo.

e até mesmo alegre perante a morte. Para alguns que assistiram ao seu martírio, o espírito de perdão que manifestou para com os seus assassinos e a sua inabalável confiança em Cristo até ao último momento tornaram-se um cheiro de vida para a vida. Muitos aceitaram o Salvador que Paulo pregava, e pouco tempo depois corajosamente selaram a sua fé com o sangue.

Paz em face do perigo

Até ao último instante, a vida de Paulo testemunhou da verdade das suas palavras aos Coríntios: “Porque Deus, que mandou a luz resplandecer nas trevas, foi quem iluminou os nossos corações, a fim de conhecermos a glória divina que resplandece na face de Jesus Cristo. E este precioso tesouro está contido como num recipiente de barro, ou seja, os nossos corpos fracos. E assim toda a gente pode ver que esse maravilhoso poder é mesmo de Deus, não vem de nós. Somos atribulados de toda a maneira, mas não definitivamente esmagados; perplexos, mas não desanimados. Somos perseguidos, mas não desamparados por Deus. Somos derrubados, mas levantamo-nos e prosseguimos. Tal como o Senhor Jesus, o nosso corpo enfrenta constantemente a morte, a fim de que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos.” II Cor. 4:6-10. A sua capacidade não estava em si mesmo, mas na presença e na operação do divino Espírito que enchia a sua vida, e levava cativo todo o entendimento à vontade de Cristo. O profeta declara: “Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti; porque ele confia

em ti.” Isa. 26:3. A paz celestial que o semblante de Paulo irradiava ganhou muitas almas para o Evangelho.

Paulo levava consigo a atmosfera do Céu. Todos os que se uniam a ele sentiam a influência da sua união com Cristo. O facto de a sua própria vida demonstrar a verdade que pregava dava um poder convincente à sua pregação. É nisto que reside o poder da verdade. A influência espontânea e inconsciente de uma vida santa é o mais convincente sermão que se pode fazer em prol do Cristianismo. O argumento, mesmo quando seja irrefutável, pode provocar, apenas, oposição. Mas o exemplo piedoso tem um poder a que é impossível resistir completamente.

Paulo levava consigo a atmosfera do Céu. Todos os que se uniam a ele sentiam a influência da sua união com Cristo. O facto de a sua própria vida demonstrar a verdade que pregava dava um poder convincente à sua pregação. É nisto que reside o poder da verdade. A influência espontânea e inconsciente de uma vida santa é o mais convincente sermão que se pode fazer em prol do Cristianismo.

Uma vida focada nos outros

O apóstolo perdeu de vista os seus próprios sofrimentos, que se aproximavam, perante o seu cuidado por aqueles que estava prestes a deixar a enfrentar o preconceito, o ódio e a perseguição. Esforçou-se por fortalecer e animar os poucos Cristãos que o acompanharam até ao local da execução, repetindo as promessas feitas aos que são perseguidos por causa da justiça. Assegurou-lhes que nada falharia de tudo aquilo que o Senhor tinha dito sobre os Seus filhos provados e fiéis. Poderiam estar sob o peso das mais diversas tentações, durante algum tempo. Poderiam não ter o conforto terrestre. No entanto, poderiam fortalecer o coração com a certeza da fidelidade de Deus, dizendo: “Eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o que eu lhe confiei até àquele dia.” II Tim. 1:12. Em breve terminaria a noite de provações e sofrimentos, e raiaria a alegre manhã da paz e do dia perfeito.

O apóstolo estava a olhar para o grande além, não com incerteza ou terror, mas com esperança e ansiosa expectativa. No lugar do martírio, não vê a espada do carrasco ou a terra que vai receber o seu sangue, mas olha através do calmo céu azul daquele dia de verão para o trono do Eterno.

Este homem de fé contempla a escada da visão de Jacob, que representa Cristo, e que o ligou a Deus. A sua fé é fortalecida ao recordar a forma como os patriarcas e os profetas confiaram n’Aquele que é também o seu amparo e a sua consolação, e por Quem está a dar a vida. Ouve, desses santos homens que através dos séculos deram testemunho

da sua fé, a garantia de que Deus é verdadeiro. Dos apóstolos, seus colaboradores, que, para pregar o Evangelho de Cristo, saíram a enfrentar o fanatismo religioso e as superstições pagãs, a perseguição e o desprezo, que não tiveram a vida por preciosa desde que pudessem levar a luz da verdade através dos labirintos escuros da incredulidade – desses ele ouviu o testemunho de Jesus como o Filho de Deus, o Salvador do mundo. Dos instrumentos de tortura, das fogueiras, das masmorras, das covas e cavernas da Terra ecoa aos seus ouvidos o grito de triunfo dos mártires. Ouve o testemunho destemido e solene daqueles que se conservaram firmes, e que, embora espoliados, afligidos, atormentados, dão testemunho da fé, declarando: “Eu sei em quem tenho crido.” II Tim. 1:12. Esses, que entregam a vida pela fé, declaram ao mundo que Aquele em Quem têm crido é capaz de os salvar perfeitamente.

A bendita esperança

Resgatado pelo sacrifício de Cristo, lavado do pecado no Seu sangue, e revestido da Sua justiça, Paulo tem em si mesmo o testemunho de que a sua alma é preciosa perante o seu Redentor. A sua vida está escondida com Cristo em Deus, e tem a certeza de que Aquele que conquistou a morte é capaz de guardar o seu depósito. O seu espírito firma-se na promessa do Salvador: “Eu o ressuscitarei no último dia.” João 6:40. Os seus pensamentos e esperanças estão centralizados na Segunda Vinda do Senhor. E quando a espada do carrasco desce e a sombra da morte cai sobre o mártir, o seu último pensamento, assim como o primeiro quando ressuscitar,

A sua vida está escondida com Cristo em Deus, e tem a certeza de que Aquele que conquistou a morte é capaz de guardar o seu depósito.

dirige-se para o encontro com o Doador da vida, que o há de convidar para a alegria dos santos.

Quase vinte séculos se passaram desde que o idoso Paulo derramou o seu sangue em testemunho da Palavra de Deus e para testemunhar de Jesus Cristo. Nenhuma mão fiel registou as últimas cenas da vida deste santo homem, para as gerações vindouras; a Inspiração, porém, preservou o seu testemunho ao morrer. Como o estrépito de uma trombeta, a sua voz tem repercutido através de todos os séculos, encorajando milhares de testemunhas de Cristo, e despertando em milhares de corações, feridos pela tristeza, o eco da sua alegria triunfante: “Eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vida.” II Tim. 4:6-8.

Este artigo é um excerto de Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, Sabugo: Publicadora SerVir, pp. 361-363.

Ellen G. White (1827-1915) exerceu o dom de profecia bíblico durante mais de 70 anos de ministério público.



*Aprofunde o seu
conhecimento da Bíblia com o*
“COMENTÁRIO BÍBLICO”



37€

CADA EXEMPLAR

COMPRA *ONLINE* WWW.PSERVIR.PT | LIGUE 21 962 62 00
E-MAIL CLIENTES@PSERVIR.PT |  +351 925 896 870